



Eugênio Bucci

## Uma presidente sutil, que fala pelos silêncios

**D**urante seus oito anos de mandato, Lula governou com a voz. Seu poder estava no timbre trepidante de seus pronunciamentos, que foram diários, profusos, extensos, mas não necessariamente monocórdios. O ex-presidente falava aos borbotões - e surpreendia as audiências. Produziu pérolas verbais para todos os gostos e bordões memoráveis. Nunca antes na história deste país um chefe de Estado vociferou tanto, bradou tanto, tagarelou tanto. Em Lula, o falo era a fala.

Desde que deixou o emprego no Palácio do Planalto, a trilha sonora do Brasil ficou menos retumbante, especialmente de uns meses para cá, quando o maior líder brasileiro da atualidade adoeceu, com um tumor que lhe espreitava as cordas vocais. Agora, internado com problemas pulmonares num hospital em São Paulo, Lula deixa seus aliados e seus adversários apreensivos. Mais ainda: com seu mutismo, deixa o país vazio, como uma escola de crianças sem a gritaria dos alunos.

Sob o chumbo desse mutismo, a condição oratória de Dilma não é fácil. Não era antes, não é agora. Ela nunca teve como desdizer o que o antecessor pontificou. A ela não foi dado reescrever os termos contratuais de sua ascensão ao poder: a cartilha que ela segue é a de Lula, seu fiador, e não tinha como ser diferente. Como se fosse inquilina no apartamento de um senhorio implicante, num condomínio cheio de proibições, ela não tem permissão para mudar nada nem na fachada do prédio nem na planta interna. Vem daí a sensação difusa, que quase todos nós temos, de que Dilma habita um discurso sobre o qual não tem autoridade.

Mas - e sempre há um "mas" nas curvaturas da aventura humana, sempre existe a fuga pelas adversativas - a presidente surpreendeu. A sucessora de Lula parece não ter se acomodado à condição de inquilina. Sem romper com seu antecessor, que falava pelos cotovelos, ela inventou um jeito próprio de falar: ela fala pelos silêncios. Se não pôde alterar a fachada do domicílio, percebeu que poderia ir mudando o lugar dos móveis, assim como poderia variar a cor de uma ou de outra parede. Teve de ser sutil, pois a sutileza lhe foi compulsória, mas achou as brechas para alterar a rotina da casa.

Antes famosa por seu estilo gerencial baseado em decibéis ensurdecedores, forjou uma nova face pública. Hoje, ela tem outra prosódia, em que as pausas falam mais alto que

os acordes tonitruantes. Sim, seu governo já tem diferenças em relação à era Lula, mas Dilma Rousseff não dirá que as tem. Hoje, ela só se pauta pela extrema economia vocabular. Se há uma reorientação no poder, ela não vai pronunciá-la em palavras. Não agora.

É verdade que, aqui ou ali, a presidente enuncia o mínimo. É o mínimo indispensável. "Não vou permitir que partidos políticos interfiram nas relações internas de governo", afirmou ela, em dezembro. Os auxiliares acusados de irregularidades foram afastados, contra a pressão dos partidos. Critérios técnicos prevaleceram em escolhas-chave, como a nova presidente da Petrobras ou o novo ministro da Ciência e Tecnologia. Não apenas aí. O desmedido pragmatismo comercial, temperado por uma ponta, ou duas, de antiamericanismo militante - que, na política externa, aproximava o Brasil de ditadores —, baixou de tom. A presidente já emite sinais, ainda que pouquíssimos, contra o prolongamento da ditadura em Cuba. Aos poucos, assume sem estardalhaço a autoria de sua práxis.

Ainda há feudos partidários nos ministérios, mesmo naqueles em que os titulares foram trocados? Por certo que há. Dilma Rousseff ainda cede aos reclamos partidários? É evidente que sim, ou não teríamos, hoje, na aquosa pasta da Pesca, um bispo ministro que declaradamente não sabe pôr o anzol dentro da minhoca - operação, aliás, que não requer destreza, mas parece estar acima das habilidades do novo titular do referido ministério. Obviamente, quando olhamos para a fachada do edifício, o ambiente em Brasília continua igual ao que era no tempo de Lula, para o bem e para o mal. Todavia - lembremo-nos das adversativas -, se soubermos olhar o que é menos escancarado, veremos que o ambiente não está tão igual assim. Dilma, que fala pouco, muito pouco, vem mudando rotinas. É possível que esteja mudando até mesmo a escala de valores. Sem megafone, sem comício, sem alarde. Até aqui, sua marca de governo se inscreve no plano do que é sutil, mas não necessariamente efêmero. Quem quiser entender terá de prestar muita atenção.

Que o Brasil tenha ouvidos para escutar os silêncios da presidente da República.

Eugênio Bucci é jornalista e professor da ESPM e da ECA-USP

**Lula falava aos borbotões. Dilma é mais econômica na fala, mas mudou a rotina - e até os valores - do governo**